

A autoridade do “Chifre Exaltado” no Sl 148: a ecoteologia do “chifre tridimensional” presente no louvor cósmico.

*The authority of the “Exalted Horn” in Ps 148:
the ecotheology of the “Tridimensional Horn” present in
cosmic praise.*

*Pedro da Silva Morais
Renato Gonçalves da Silva*

Resumo

Qual seria a razão do autor sagrado ao sublinhar a realidade do “chifre exaltado” no final do Salmo 148? A resposta para esta pergunta propiciará uma compreensão mais profunda a respeito desta oração que vincula os seres celestiais, terrestres e subterrâneos, imersos em uma liturgia cósmica que visa adorar o Criador em um intenso e harmônico hino de louvor, no qual ninguém e nada é dispensado desta exaltação. Em sua extraordinária estrutura, o hino revela uma admirável visão de Deus e do mundo pertencente ao orante, que não sabe ver a existência em três realidades estanques, indiferentes e/ou rivais entre si. O presente artigo, ao estudar a imagem do “chifre exaltado”, por meio dos conhecimentos bíblicos e arqueológicos, terá como finalidade evidenciar, a verdade que jamais poderá se tornar um clichê, aquela que declara o quanto toda a criação está interligada visceralmente. Porquanto, desrespeitar tal axioma é produzir um mundo doente, cheio de pessoas fragmentadas em seus caracteres, vitimadas por síndromes tripolares.

Palavra-chave: Chifres-árvores. Salmo 148. Autoridade do louvor cósmico. Petróglifos. Síndrome tripolar.

Abstract

What could be the sacred author's reason for emphasizing the reality of the “exalted horn” at the end of Psalm 148? The answer to this question will lead to a deeper

understanding of this prayer that unites celestial, terrestrial and subterranean beings, immersed in a cosmic liturgy that aims to worship the Creator in an intense and harmonious hymn of praise, in which no one and nothing is exempt from this exaltation. In its extraordinary structure, the hymn reveals an admirable vision of God and the world belonging to the prayer, who doesn't know how to see existence in three watertight, indifferent and/or rival realities. By studying the image of the "exalted horn" through biblical and archaeological knowledge, the purpose of this article will be to highlight the truth that can never become a cliché, the one that declares how creation is viscerally interconnected. Because to disregard such an axiom is to produce a sick world, full of people fragmented in their characters, victimized by tripolar syndromes.

Keyword: Horned trees. Ps 148. Authority of the cosmic praise. Petroglyphs. Tripolar syndrome.

Introdução

O chifre exaltado, presente no Sl 148,14a, dialoga perfeitamente com o louvor universal evidenciado na respectiva oração que, através dos chifres, possui um estreito parentesco com as antigas crenças religiosas que cultuavam os "chifres-árvores", tais como poderosas entidades divinas. Vale destacar que, ao sublinhar o protagonismo litúrgico do "chifre", o orante encontra um meio literário para deixar seu texto mais coeso internamente, uma vez que o vocábulo hebraico para chifre possui uma proximidade ao campo semântico do verbo "louvar" que, por sua vez, é muito importante para a estrutura literária do Sl 148, que fora composto por meio de micro paralelismos, a fim de sublinhar a intrínseca unidade existencial que envolve os Céus, a Terra e os Subterrâneos. A superposição e o alargamento rítmico do texto são evidentes, constituindo uma sinfonia que reúne toda as criaturas (e a história) diante do Senhor Criador, Supremo e Libertador, numa coreografia cósmica colossal. Todas as criaturas, juntas, entoam seu "hallelujah", um louvor que se prolonga na oração matinal da liturgia sinagoga e católica, considerada por muitos estudiosos como um verdadeiro "Te Deum" do Antigo Testamento.¹

1. O Chifre na Bíblia Hebraica e o Antigo culto dos Chifres-Árvores.

O vocábulo "chifre" é encontrado 75x na Bíblia Hebraica, nas quais 13 destas estão no Saltério.² A simbologia do "chifre", como poder e força, pode ter surgido por

¹ RAVASI, G., *Il Libro dei Salmi III* (101-150), p. 963.

² KEDAR-KOPFSTEIN, B., *קָרְנַיִם qeren*, p. 14.

causa da capacidade de observação do homem antigo que notou o quão destrutivo poderia ser os chifres de um animal que visava atacar uma presa ou um outro adversário.³ Segundo Grenzer, a Bíblia Hebraica menciona os chifres do “carneiro” (אַיִל), em Gn 22,13; Dn 8,3.6.7.20, do “cabrão” (צִפְרִיר), em Dn 8,5.8.21, do “novilho” (בָּר) no Sl 69,32, e do “bovino selvagem”, em Dt 33,17; Sl 22,22. O autor ressalta que o “chifre” é usado pelo animal como uma expressão sua de “linguagem corporal” que visualiza o poder da fera mediante a elevação do seu chifre.⁴ Destaca-se a figura do bovino selvagem e seus chifres. Tal imagem foi muito explorada em assentamentos neolíticos e, posteriormente, entre as civilizações do Egeu na Anatólia que adoravam o respectivo animal, por acreditarem em seu poder protetor.⁵

Observa-se que na maioria das ocorrências bíblicas, a imagem do chifre está associada aos altares (26x - Ex 27,2 (2x); 29,12; 30,2-3.10; 37,25-26; 38,2 (2x); Lv 4,7.18.25.30.34; 8,15; 9,9; 16,18; 1Rs 1,50 51; 2,28; Jr 17,1; Ez 43,15.20; Am 3,14; Sl 118,27). De fato, os estudos arqueológicos atestam que, nas regiões de *Tel Dan*, *Gezer*, *Shiloh*, *Shechem*, *Dothan*, *Kedesh* e *Meguido*, todos ao norte de Israel, se vê os respectivos objetos sacros, cujas extremidades possuíam quatro pontas. Eles eram considerados a parte mais importante do culto, a ponto de proteger qualquer pessoa que o tocasse (Lv 4,7; 1Rs 1,50-51).⁶ No caso, a divindade cultuada se utilizaria da força do animal que possuía aquele chifre para defender o seu devoto.⁷ Para Israel, o chifre salvador é o Senhor (Sm 22,3; 1Cr 25,5; Sl 18,3). E, somente ele possui autoridade para libertar àqueles que lhe prestam culto.⁸

Ao vincular o “chifre” ao elemento mais sacro do Templo, os autores bíblicos demonstram o quanto herdaram da cultura religiosa de um mundo pré-histórico, cuja civilização viu nos chifres um aspecto transcendental, capaz de unir as três dimensões cósmicas já referidas, estas que eram lembradas nas liturgias realizadas no Templo com o seu altar. As tais heranças podem ser vistas nas pinturas feitas em rochas (petróglifos), espalhadas pela África, Ásia, Europa, América do Sul e Austrália, datadas desde o período Paleolítico Superior (aproximadamente 600.000 a.C – 10.000 a.C) ao período da Idade Antiga (3.500 a.C – 476 d.C),⁹ retratam a vida religiosa e cultural destas épocas.

A atenção desta pesquisa se volta para aqueles petróglifos que retratam figuras de cabras e cervos datados de 2000 a.C a 1000 d.C, todos encontrados em Quirguistão,

³ AMATO, M. C., Os Simbolismos dos animais com chifres em bestiários ingleses, p. 3.

⁴ GRENZER, M., Erva, bovino selvagem, tamareira e cedro, p. 66-86.

⁵ HOSSFELD, F-L; ZENGER, E., Psalms 3, p. 639.

⁶ SHARP C., Alternate Altars, p. 28.

⁷ MILGROM J., Leviticus 1-16, p. 234.

⁸ SCHÖKEL, L.,z A.; CARNITI, C., Salmos I, p. 307.

⁹ KADERLI, L.; ALIEVA C., An Evaluation of Detection Study of the Petroglyphs in the Region of Cholpon-Ata, p. 72.

região habitada por turcos vindos da antiga Anatólia, na qual o reino hitita estendeu-se por volta de 1700 a.C a 1200 a.C.¹⁰ Segundo Eames, existiu uma profunda influência religiosa desta civilização no Levante do Sul.¹¹

Nas pinturas rupestres percebe-se que os chifres dos animais referidos possuem tamanhos exagerados, os quais revelavam os seus caracteres sagrados, os quais eram transmitidos às cabras e aos cervos, animais considerados símbolos do “Deus da Terra”, por isso, eles eram sacrificados em cerimônias matinais que serviam de proteção contra os espíritos malignos.¹²

Na cultura turca pré-islâmica, o majestoso chifre do cervo fez alusão a “árvore da vida”, aquela que era a personificação da imortalidade e da regeneração existencial. De forma especial no Norte da Ásia, o culto do animal fértil, vinculado ao da “árvore da vida”, se difundiu na arte antiga desta região. De tal modo que é possível encontrar petróglifos nos quais se observa a pintura de cabras e cervos possuidores de longos chifres no formato de um pinheiro. Vale ressaltar que, em um primeiro momento, os caçadores não atribuíram as divinas qualidades às “árvores da vida”, mas sim aos chifres destes animais desenhados nas pedras de Altay, Yenisey e Altan-Sayan.¹³

Segundo Martynov, em um período posterior, a devoção à cabra e ao cervo foi vinculada ao culto do Sol, por isso os tais chifres foram desenhados nas pedras com uma esfera brilhante em suas pontas. O especialista ainda afirma que no Neolítico houve uma difusão do pastoreio e da agricultura na Eurásia, provocando um novo relacionamento entre o homem e as forças da natureza. Martynov pontua que neste período surgiram os conceitos filosóficos e mitológicos da “Grande-Mãe Terra” vinculados ao culto da árvore da vida. Contudo a simbologia cósmica do chifre não fora abandonada, pois em diversos petróglifos vê-se pintados diversos “chifres-árvores” com funções de coroas que ornaram a cabeça da “Mãe Terra”. Tal ornamento pontiagudo é retratado rompendo a crosta terrestre e chegando às alturas celestiais. O desenho reafirma a simbologia do chifre como um elemento capaz de interligar o plano terrestre aos Céus, a fim de que a “Mãe ancestral” obtenha os recursos eternos que enriquecerão o solo subterrâneo de fertilidade, este que fora considerado um elixir divino.¹⁴

A Bíblia Hebraica demonstra o quanto esta cultura pré-histórica, referente aos chifres, influenciou os autores inspirados que vinculam os chifres não só aos seus altares, mas também em sua arte musical. Em Js 6,5 e por 12x em Dn (3,5.7.10.15; 7,7-

¹⁰ MACQUEEN, J. G., *The Hittites and their Contemporaries in Asia Minor*, p. 11.

¹¹ EAMES, C., *Are Biblical Hittites in Canaan Anachronistic*, p. 31-32.

¹² KADERLI L.; ALIEVA C., *An Evolution of Detection Study of the Petroglyphs in the Region of Cholpon-Ata*, p. 77.

¹³ KADERLI, L.; ALIEVA, C., *An Evolution of Detection Study of the Petroglyphs in the Region of Cholpon-Ata*, p. 79.

¹⁴ MARTYNOV, A. I., *The Solar Cult and Tree of Life*. p. 12-29.

8 (4x); 11.20 (2x); 21,24)¹⁵ o chifre é um sacro instrumento sonoro, cujo protagonismo encontra seu ápice no *shofar* que aparece 72x na Bíblia Hebraica.¹⁶ O som do chifre era ressoado para conchamar o céu e a terra a fim de que estes louvassem o Senhor. Além do louvor, o grito deste poderoso chifre poderia ser escutado nos tempos de lamentação e em períodos de batalhas, nos quais o *shofar* ajudava a dispersar os espíritos malignos e os deuses dos povos inimigos de Israel.¹⁷ De fato, Schmutzer e Gauthier creem que a expressão “E Ele exaltou o chifre” (14a) possui um significado altamente militar.¹⁸

Para inaugurar o tempo jubilar do descanso da terra e o ano da remissão – no qual todas as dívidas seriam eliminadas, as terras deveriam ser restituídas aos seus primeiros donos e os escravos teriam suas liberdades devolvidas – o chifre também deveria ser ressoado (Lv 25,8-10.13.29-31).

O som do chifre é, por fim, ressoado para sinalizar a aparição de Deus na montanha e a entrega da Lei (Ex 19,13). Logo, percebe-se a clara influência dos cultos pré-históricos dos “chifres-árvores” na cultura religiosa de Israel que vincula o “chifre” à sonora liturgia cósmica que adora o Senhor, aquele que tem toda autoridade sobre toda a criação.¹⁹

O “chifre” na Bíblia Hebraica é, igualmente, vinculado ao óleo da unção (Sm 16,1.13; 1Rs 1,39), pois ele fazia parte do rito sacro que transferia, de forma mistagógica, a santidade da divindade cultuada para um objeto ou uma determinada pessoa. Dentro da tradição de Israel, a figura ungida é o rei que, por sua vez, terá uma profunda conexão com o Espírito do Senhor (1Sm 10,6.10; 16,13),²⁰ este que será o responsável em fornecer, ao monarca escolhido, o senso de justiça oriundo da Lei do Senhor. Na verdade, a Bíblia Hebraica utiliza o chifre como um símbolo propício para ressaltar a temática de qualquer reinado ou recintos de autoridade (Sl 89,18.25; 92,11; 132,17; 2Sm 2,1.10),²¹ que pode ser liderado por um rei justo, aquele que teve seus “chifres erguidos pelo Senhor” (1Sm 2,1.10; Jó 16,15; Sl 75,11b) ou por um rei arrogante, o mesmo que terá “o seu chifre cortado pelo Senhor” (Sl 75,11a; Jr 48,25; Lm 2,3). Por meio destas metáforas, entende-se que Deus repreende os ímpios por tentarem se elevar, por meio de suas próprias forças.

Não fica difícil, portanto, intuir o porquê de os reis usarem as famosas coroas. Elas lembram aquele chifre que portava o óleo da unção, aquele líquido divino que introduzia o monarca na esfera da divindade. Em paralelo à Mãe-Terra, o rei era aquele que introduzia, por meio do seu governo, os recursos do alto à toda realidade terrena.

¹⁵ KEDAR-KOPFSTEIN, B., *קָרְנֵי qeren*, p. 15-17.

¹⁶ MILLER, M., *The Shofar and Its Symbolism*, p. 85-94.

¹⁷ VERVEER, T., *O Antigo Grito do Shofar*, p. 5-9.

¹⁸ SCHMUTZER, A. J.; GAUTHIER, R. X., *The Identity of “Horn” in Psalm:148:14a*, p. 161-183.

¹⁹ KEDAR-KOPFSTEIN, B., *קָרְנֵי qeren*, p. 16.

²⁰ MCCARTER JR, P. K., *I Samuel*, p. 178.

²¹ HOSSFELD, F-L; ZENGER, E., *Psalms 2*, p. 256.

No caso de Israel, o monarca que teve o seu chifre erguido pelo Senhor deveria ser uma referência para a adoração ao Senhor.

Aliás, toda e qualquer realidade alta simbolizava aquele “chifre-árvore”, símbolo da transcendência que fazia o homem antigo adorar os deuses de sua cultura religiosa. Na Bíblia Hebraica, tais elevados eram chamados de תועֶפֶה e ocorrem 4x ao interno da Sagrada Escritura (Nm 23,22; 24,8; Sl 95,4; Jó 22,25). A etimologia revela um parentesco com o verbo árabe *yafa‘a*, cujo significado é o de elevar-se para cima. Como se observa no Sl 95,4, o chifre – תועֶפֶה fornece a imagem das alturas vistas em picos de montanhas. Já em Nm 23,33 e 24,8, os chifres dos bois selvagens seriam metáforas para aludir as torres altas do Egito. Ressalta-se, igualmente, o possível paralelo existente entre תועֶפֶה e enormes pilhas de pratas reluzentes, conforme Jó 22,25. O monte prateado teria sido usado para visualizar brilhantes lingotes que se assemelhavam a chifres. Daí se entende a relação existente entre o vocábulo chifre e o seu poder resplandecente visto em Hab 3,4 que mostra chifres brilhantes saindo das mãos do Senhor. Estes chifres-raios eram vistos como ornamentos que revestiam a cabeça do sumo sacerdote.²² Tal tradição da Escritura está em profunda consonância com os antigos petróglifos que retratavam os reluzentes chifres-árvores, localizados nas frentes das cabras e dos cervos. Vale recordar o texto presente em Ex 34,29.30.35, no qual o verbo “brilhar” (קָרַן) ocorre por meio da raiz hebraica formada pelas letras consonantais *qm*, as mesmas que formam o vocábulo chifre (קָרַן).²³ Trata-se, portanto, de mais uma alusão à profunda conexão existente entre os chifres da Bíblia Hebraica e os desenhos em petróglifos que revelam a visão de mundo dos antepassados.

2. O Chifre no Sl 148 e o Cosmo Visceralmente Integrado

Parte-se do pressuposto que o autor do Sl 148 teria recebido a tradição religiosa que vislumbra nos chifres aquela autoridade que vincula os elementos dos céus e da terra, os quais são contemplados na estrutura bipartida do Sl 148:

INCLUSÃO – (1a) Louvem ao Senhor

1ª COLUNA: CONJUNTO DOS SERES CELESTIAIS	2ª COLUNA: CONJUNTO DOS SERES TERRESTRES
(1b) Louvem (Irradiem) o Senhor dos Céus	(7a) Louvem (Irradiem) o Senhor da Terra, (7b) serpentes e todos os abismos.

²² KOEHLER, L. et al., תועֶפֶה. The Hebrew and Aramaic lexicon of the Old Testament, p.1705–1706.

²³ WEARNE, G., למן אשדת מימינו ולן מידן קרנים, p. 4-6.

(1c) Louvem-no (Irradiem-no) nas alturas	(8a) Fogo, tempestade de granizo, (8b) neve, fumaça, vento, tempestade de vento, (8c) Ele fez
(2a) Louvem-no (Irradiem-no) todos os seus anjos	(9a) Montanhas e todas as colinas, (9b) árvores frutíferas e todos os cedros
(2b) Louvem-no (Irradiem-no) todo os seus exércitos	(10a) Animais selvagens e todo o gado, (10b) seres rastejantes, aves que voam
(3a) Louvem-no (Irradiem-no) sol e lua	(11a) Reis da terra e todas as nações
(3b) Louvem-no (Irradiem-no) todas as estrelas reluzentes	(11b) Chefes e todos os juízes da terra
(4a) Louvem-no (Irradiem-no) Céus dos Céus,	(12a) Moços e donzelas,
(4b) bem como as águas que estão sobre os céus	(12b) anciãos e crianças
(5a) Que louvem (irradiem) o Nome do Senhor,	(13a) Que louvem (irradiem) o nome do Senhor
(5b) pois Ele ordenou e foram criados.	(13b) pois ele é excelso, seu nome é único, sua majestade transcende terra e céus
(6a) Ele os estabeleceu desde toda a eternidade	(14a) Ele fez exaltar o chifre pertencente ao seu povo;
(6b) Ele entregou seu estatuto	(14b) louvor irradiante dos seus piedosos,
(6c) o qual não poderá ser esquecido	(14c) aqueles pertencentes aos filhos de Israel, o povo que lhe é próximo

Na referida estrutura literária do texto hebraico,²⁴ cuja tradução fora proposta pelo presente estudo, o expediente poético do merismo é nítido pois, através do conceito-chave “Céus e Terra”, o autor constrói o corpo de sua prece, utilizando-se da oposição destes dois elementos cósmicos para enfatizar a ideia de que o universo inteiro é convidado a louvar o Senhor.²⁵ Nos versículos 1-4 são elencados os seres celestiais, em contrapartida, nos versículos 7-12 encontram-se os seres terrestres. Vale ressaltar

²⁴ A tradução referiu-se ao texto hebraico de: ELLIGER, Karl. et al., (Orgs). *Biblia Hebraica Stuttgartensia*, p. 1225-1226.

²⁵ Para um estudo mais completo sobre a estrutura literária do Sl 148, recomenda-se a leitura de: PRINSLOO, W. S., *Structure and cohesion of Psalm 148*, p. 46-63.

que, ao sublinhar “as serpentes e todos os abismos” (7b), o autor invoca a realidade subterrânea, símbolo do caos primordial.²⁶

O versículo 14 focaliza a imagem do chifre exaltado por Deus, aquele fora dado aos piedosos de Israel a fim de convocar a criação cósmica interrelacionada, descrita na prece. O chifre no Sl 148 teria uma função semelhante àquela ressaltada pela tradição religiosa estrangeira que exaltavam o chifre-árvore, já estudado por este artigo

É do chifre de Israel que se escutará o louvar de toda os seres bióticos e abióticos. Aliás, se deve enfatizar é a importância do verbo “louvar” na estrutura da referida prece. Tal raiz verbal assume a função de palavra-chave, aquela que transmite a ideia central do texto inspirado.²⁷ De forma explícita, o verbo aparece na forma imperativa nos versículos 1-4.7a.14d, convocando os seres celestiais a prestarem culto ao Criador. Vale destacar que o respectivo imperativo serve para delimitar o texto pois, entre os versículos 1a e 14d, ele forma uma inclusão. De forma elipsada, o mesmo verbo rege os personagens terrestres e subterrâneos lembrados pelo orante nos versículos 7b-12. A elipse na poesia hebraica serve para focalizar o objeto regido pelo verbo implícito.²⁸

No caso do Sl 148, intui-se micro-merismos que interligam os seres celestiais, regidos explicitamente pelo imperativo “louvar”, aos seres terrestres que estão sendo implicitamente capitaneados pelo respectivo imperativo que sai do grande shofar tocado pelo povo de Israel em suas principais cerimônias litúrgicas, as quais não poderiam ocorrer sem a convocação deste chifre poderoso. Uma vez concebida tal ideia, observa-se o surgimento dos seguintes paralelismos:

MICRO-MERISMO	
O Chifre que convocam os louvores das Alturas (1c) vinculadas àqueles dos Fenômenos Meteorológicos (8ab)	
PLANO CELESTIAL	
(1c) Louvem-no (Irradiem-no), as alturas	
PLANO TERRESTRE	
VERBO ELIPSADO	
(Louvem-no/Irradiem-no)	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Fogo, tempestade de granizo, neve, fumaça, ▪ vento, tempestade de vento, Ele fez (8ab)

Em 1c destaca-se o louvor proclamado pelas alturas transcendentais, as quais Deus habita, conforme a representação cósmica antiga (1Rs 8,27; Is 40,22; 57,15;

²⁶ GREENBERG, M., Ezequiel 21-37, p. 651.

²⁷ SILVA, C. M. D., Metodologia de Exegese Bíblica, p. 311.

²⁸ ALTER, R., L'Arte della Poesia Biblica, p. 46.

66,1).²⁹ Depois de ter invocado os elevados divinos, o salmista solicita vigorosamente a adoração dos elementos que regulam a meteorologia do mundo criado, a saber, o fogo, a tempestade de granizo, a neve, a fumaça, o vento e a sua tempestade. Eles são fenômenos de precipitação indispensáveis para a terra, agindo como “geradores de vida” (Gn 8,22).³⁰ Percebe-se a antítese entre a imutável morada celestial do Senhor frente ao aspecto contingencial do mundo criado, manifesto na mudança climática. O autor pode ter como intuito revelar a importância em adorar o Criador, independentemente do status variável ou invariável da criação que, sendo eterna ou não, ao ouvirem o ressoar do chifre sagrado, devem prostrar-se diante Daquele que é o *ab-eterno* e, desse modo, possui toda autoridade sobre a criação.

O chifre dos piedosos é aquele que derruba o antagonismo entre as realidades eternas e temporais, pois o seu poder litúrgico vincula tais níveis de existências, fazendo com que eles interajam entre si no ato em adorar o Senhor.

O paralelismo elíptico que envolve os versículos 2a-9ab destaca o substantivo “todos” como palavra-chave desta microestrutura, ele enfatiza a ordem que não dá direito a nenhum ser em se esquivar da perene obrigação de prestar culto ao Senhor.

MICRO-MERISMO	
O Chifre que convoca o louvor dos Anjos (2a) vinculados àqueles dos Elevados Terrestres (9ab)	
PLANO CELESTIAL	
(2a) Louvem-no (Iradiem-no sobre o caos) todos os seus anjos	
PLANO TERRESTRE	
VERBO ELIPSADO	
Louvem-no (Iradiem-no	<ul style="list-style-type: none"> ▪ As Montanhas e todas as colinas. ▪ Árvores frutíferas e todos os cedros.

Nestes versículos, os adoradores são os anjos – aqueles mensageiros de Deus³¹ (Ag 1,13; Is 44,26), os quais possuem uma profunda intimidade com a Palavra do Senhor. Eles estão associados às montanhas que possuem aquele sentido místico do *הַר עֵצִים* por ser um elevado. Juntamente com as colinas e os cedros, a montanha unifica o céu, a terra e o que existe abaixo do solo.³² Para Israel a montanha é o lugar transcendental que serve para ouvir a voz de Deus nesta terra. Como exemplo, destaca-se o Horeb, a montanha da legislação divina (Dt 4,10; 29,1)³³. Foi ressaltado neste

²⁹ BLENKINSOPP, J., *Isaiah 1-39*, p. 438.

³⁰ HOSSFELD, F-L; ZENGER, E., *Psalms 3*, p. 637.

³¹ KOEHLER, L. et al., *מִלְאָךְ*. The Hebrew and Aramaic lexicon of the Old Testament, p. 585.

³² CIRLOT, J. E., *Montaña*, p. 308-310.

³³ KOEHLER, L. et al., *הָרֵב*. The Hebrew and Aramaic lexicon of the Old Testament, p. 350.

artigo que o termo תְּנִינִים significa chifres e altas montanhas. Sendo assim, intui-se o papel conector dos elementos dos céus e da terra não só pela simbologia do instrumento musical do shofar. A montanha sagrada pode ser – ela mesma – a imagem do chifre tridimensional também visualizado nas arvores dos Cedros. Em mais um paralelismo, que enfatiza o louvor que nasce das alturas celestiais e invade as profundezas da terra, o autor revela a função litúrgica do Chifre que convoca os anjos e assembleia do povo de Deus que louvam o Senhor na montanha sagrada, onde se encontra o Templo, o lugar alto onde deve ocorrer a escuta da Palavra do Criador de todas as coisas bem como é o espaço propício para os cultos sacrificiais. Seja como um shofar ou como um תְּנִינִים, o chifre continua a integrar os seres cósmicos que devem adorar o único Deus verdadeiro.

O paralelismo elíptico que relaciona os versículos 2b e 10ab também apresenta “todos” como palavra-chave.

MICRO-MERISMO	
O Chifre que convoca os louvores dos Exércitos Celestiais (2b) vinculados àqueles dos Animais Terrestres (10ab)	
PLANO CELESTIAL	
(2b) Louvem-no (Irradiem-no) todos os seus exércitos	
PLANO TERRESTRE	
VERBO ELIPSADO	
Louvem-no (Irradiem-no)	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Os animais selvagens e todo o gado (10a) ▪ Animais rastejantes e aves que voam (10b)

Na Bíblia Hebraica, o título “Senhor dos exércitos” refere-se ao fato de que Deus é o grande regulador que organiza hierarquicamente os corpos celestiais formados por anjos, pelo sol, a lua e as estrelas. Os seus respectivos pares são visualizados na figura dos animais que representam a terra (animais selvagens e todo o gado), a água (animais rastejantes) e o ar (aves que voam). Logo percebe-se, no merismo evidenciado, o conceito de uma hierarquia que distingue verticalmente todos os seres criados. Contudo esta distinção não fere a harmonia entre eles, pois unidos pelo chifre, tornam o louvor ao Senhor mais belo, devido a biodiversidade que o caracteriza. Recorda-se aqui aquele chifre que possui um significado militar, o qual submete os exércitos poderosos. Poder este visto nos bois do gado, os quais também simbolizaram – com os seus chifres – a força divina. Contudo, ambos se rendem ao soar do chifre exaltado pelo Senhor e ressoado pelos piedosos de Israel.

No próximo paralelismo elíptico interrelacionam-se os versículos 3a e 11a, nos quais o imperativo rege os elementos celestiais “sol” e “lua” unidos, pelo soar do chifre, aos “reis da terra” e “todas as nações”. Recorda-se da raiz hebraica קָרַן – brilhar” que forma o substantivo קָרָן – chifre”, tal chifre brilhante remete aos animais pintados em

pedras por civilizações pré-históricas que possuíam nas pontas de seus chifres pequenos astros brilhantes. Mais uma vez, intui-se que o salmista teria herdado a primitiva tradição religiosa que vinculava os chifres aos astros celestiais iluminantes, os mesmos que forjarão a importância simbólica das brilhantes coroas que serão colocadas nas cabeças dos reis de todas as nações.

MICRO-MERISMO

O Chifre que convoca os louvores do Sol e da Lua (3a) vinculados àqueles dos Reis e de todas as nações (11a)

PLANO CELESTIAL

(3a) Louvem-no (Irradiem-no sobre o caos), sol e lua

PLANO TERRESTRE

VERBO ELIPSADO

Louvem-no (Irradiem-no) ▪ Reis da terra e todas as nações (11a)

Não obstante ao fato de que, para o antigo Israel, o sol fora considerado um mero elemento criado por Deus a fim de trazer a luz do dia (Gn 1,16), é sabido que no Antigo Oriente o astro foi adorado como o Deus da justiça.³⁴ Igualmente os “reis da terra.” Estes últimos foram considerados símbolos divinos neste mundo, a ponto de se acreditar que tais monarcas possuísem uma relação especial com os espíritos.³⁵ Portanto, o primeiro merismo, evidenciado neste paralelismo, pode ser um claro recado dado pelo salmista que anseia por enfatizar – com o ressoar do chifre – a identidade do Único e Verdadeiro Rei e Senhor, ao colocar o sol e os reis na condição daqueles que, convocados pelo chifre, devem prostrar-se diante do Senhor.

Juntamente com o sol e a com as estrelas, a lua era digna de adoração por ser considerada um fenômeno divino.³⁶ Obviamente que tal crença foi entendida como uma abominação por Israel que proibiu tal culto (Dt 17,3). No entanto, a tradição hebraica viu na lua uma função importante: “ela foi usada para fixar os meses, medir a sucessão do tempo, identificar a mudanças das estações, constituindo, por assim dizer, um ponto de referência imprescindível na determinação dos tempos litúrgicos.”³⁷ Portanto, a lua traz em si uma função paradigmática, seja para o povo pagão, seja para o povo da aliança que, não obstante ao fato de não tolerar o seu culto, o mesmo povo à considerou como uma das mais significativas obras de Deus. A partir deste ponto de vista, o presente estudo entende o possível motivo do salmista relacionar o astro da noite com

³⁴ DeCLAISSE-WALFORD, N. L. et al., *The Book of Psalms*, p. 208-209.

³⁵ BAINES, J., *A Realeza egípcia antiga*, p. 19-56.

³⁶ CHRISTENSEN, D. L., *Deutonomy 1-21:9*, p. 89.

³⁷ VANNI, U., *Apocalisse di Giovanni II*, p. 431.

as “nações” (11a), cujo significado ressalta “a multidão de povos,”³⁸ os quais – hebreus e pagãos – intuíram a sucessão e a finitude dos seus dias por meio da lua que, portanto, revela a transitoriedade do criado. Enfatiza-se que no toque do shofar de Israel, tais personagens louvam a Deus e seus estatutos, os quais jamais passarão (6bc).

O próximo paralelismo elíptico a ser analisado – o qual possui “todos” como palavra-chave – é aquele que vincula as “estrelas reluzentes” (3b) aos chefes e juízes da terra (11b).

MICRO-MERISMO
O Chifre que convoca os louvores das Estrelas Brilhantes (3b) vinculadas aos dos Chefes e Juízes da terra (11b)
PLANO CELESTIAL
(3b) Louvem-no (irradiem-no) todas as estrelas reluzentes
PLANO TERRESTRE
VERBO ELIPSADO
Louvem-no (irradiem-no) ▪ Os Chefes e todos os juízes da terra (11b)

As estrelas brilhantes possuem uma tradição simbólica que às interrelacionam com seres celestiais (anjos – Jó 38,7-8) ou com os sinais favoráveis a Israel (Jz 5,21), estes últimos representados, por vezes, pelos “juízes da terra” (Sl 148,11c).³⁹ Sabe-se que a palavra “terra - ארץ” é usada para enfatizar aquela a qual Deus deu aos israelitas, conforme Ele prometera (Ex 6,4,8; 32,13; Dt 19,8; Js 23,5). O termo também é usado na linguagem que invoca a aliança testemunhada por céus e terra (Dt 4,26; 30,19; 31,28; 32,1; Is 1,2).⁴⁰ Portanto, neste paralelismo elíptico, o salmista une seus protagonistas tal como um chifre que convoca o louvor a Senhor por meio da dimensão política própria de um país consagrado a Deus, aquela que é liderada por estelares chefes e juízes de Israel que são observantes da Torah, daí vem os seus status de referência para o povo.⁴¹ Obedecendo os preceitos divinos, eles se tornam chifres vivos que apontam para Senhor, tal como as estrelas do firmamento.

O último paralelismo elíptico interrelaciona a abóboda celestial, com suas águas benditas (4ab), aos jovens e moças, bem como aos anciãos e criancinhas (12ab):

³⁸ SCHÖKEL, L. A., אֲרָצוֹת, p. 333.

³⁹ WITTE, M., Cosmos and Creation in Job 38 (Septuagint), p. 55-74; POPE, M. H. Job. The Anchor Bible, p. 292.

⁴⁰ OTTOSSON, K., אֲרָצוֹת 'eres, p. 868-876.

⁴¹ HOSSFELD, F-L; ZENGER, E., Psalms 3, p. 638.

<p>MICRO-MERISMO</p> <p>O Chifre que convoca os louvores do Firmamento Aquoso (4ab) vinculados àqueles da Humanidade Fecunda e Geracional</p>
<p>PLANO CELESTIAL</p> <p>(4a) Louvem-no (Irradiem-no), os céus dos céus e as águas que estão sobre os céus</p>
<p>PLANO TERRESTRE</p> <p>VERBO ELIPSADO</p> <p>Louvem-no (Irradiem-no) ▪ Jovens e moças (12a) ▪ Anciãos e crianças (12b)</p>

O Antigo Testamento alude diversas vezes o elemento “água” como aquele que está situado no céu oceânico (2Rs 7,9.19; Sl 104,3.13), lembrado, de forma especial, nas narrativas do dilúvio (Gn 7,11).⁴² Não obstante tal poder devastador, a água – em seu conjunto de imagens bíblicas – simboliza a vida e a salvação, ambas manifestas no poder do Senhor que é comparado “à produção de água, especialmente no deserto (Is 35,7; 41,18; 43,19; 44,3). O israelita que se sente separado de Senhor é como um deserto árido (Sl 63,2; 143,6). O Senhor é uma fonte de água viva (Jr 2,13; 17,3).”⁴³

A vida é igualmente simbolizada no versículo 12 na sua diversidade de gênero (jovens e donzelas), aquela que está vinculada à ideia da fecundidade que é acompanhada do conceito geracional visto na figura dos mais anciãos e crianças (12b).⁴⁴ No ressoar do chifre, a vida transcendental e a vida imanente louvam o Senhor, de forma integrada. Afinal de contas, uma sociedade não pode ser idealista ao extremo e, muito menos, ser movida por pseudo ideais materialistas.

Por fim, o imperativo de “louvar” vincula outros dois versículos de forma sinônímica:

<p>MICRO-MERISMO</p> <p>O Chifre que convoca os louvores dos Céus (1b) e aqueles das Serpentes e de todos os Abismos (7ab)</p>
<p>PLANO CELESTIAL</p> <p>(1b) Louvem o Senhor do Céus (Irradiem-no sobre o caos)</p>
<p>PLANO TERRESTRE</p> <p>Louvem o Senhor da Terra (7a) serpentes e todos os abismos (7b)</p>

⁴² WESTERMANN, C., A Continental Commentary: Genesis 1–11, p. 117.

⁴³ MCKENZIE, J. L., Água, p.18-19.

⁴⁴ HOSSFELD, F-L; ZENGER, E., Psalms 3, p. 638.

No paralelismo exposto percebe-se uma profunda relação sinonímica por meio da repetição da expressão “Louvem o Senhor,” além do uso explícito do merismo “Céus” e “Terra.” Evidencia-se igualmente o paralelismo que sublinha a contraposição existencial das “serpentes e todos os abismos” frente os “Céus”. O chifre pode unir, até mesmo, as realidades mais opostas quando o assunto é prestar culto a Deus. Enfatiza-se que o caos se prostra diante do Altíssimo, ao ouvir o poderoso som do *shofar* exaltado pelo Senhor.

As duas colunas (1-4 || 7-12) são finalizadas por dois convites entusiasmados (5ab || 13ab) que visam persuadir ao louvor de cada uma das duplas de merismo, ressaltadas por este artigo:

(5a) Que louvem o Nome do Senhor,

(5b) pois Ele ordenou e foram criados

(13a) Que louvem o nome do Senhor

(13b) pois é excelso, seu nome é único, sua majestade transcende terra e céus

Como se percebe, o verbo “louvar” não mais revela uma ordem, mas sim um pedido jubiloso do orante que, por meio do som do chifre, quer criar uma atmosfera de adoração ao Senhor oriunda da liberdade dos seres que compartilham a existência tridimensional de forma visceral. Para o autor, eles possuem uma suficiente consciência para tomarem a decisão em louvar a Deus, sem serem obrigados a fazê-lo.⁴⁵

Observa-se que o texto do saltério coloca em destaque o verbo louvar, estabelecendo os micro-merismos, já acima apresentados. Desse modo, é possível afirmar que a realidade do chifre é o *shofar* responsável por emitir o som do louvor que vincula intrinsecamente Céus e Terra. Além disso, a decisão em interrelacionar o verbo “louvar” ao chifre encontra fundamento na correspondência sinonímica que envolve tais atores.

A raiz hebraica (*hll*) que enfatiza o ato em louvar, também pode denotar a característica de um ser que emite seu “brilho fulgurante,”⁴⁶ aquele ao qual pertencente ao chifre que também pode manifestar a presença do Senhor. Portanto, ao ratificar, na análise estrutural do Sl 148, a importância do verbo “louvar,” esta pesquisa quis evidenciar a realidade do chifre, implícita ao verbo sublinhado. Em outras palavras, sem o chifre não existirá nenhum tipo de louvor que faça resplandecer o Criador na criação, pois sem o chifre o universo não será intrinsecamente unido para entoar a adoração agradável a Deus, aquela que deve surgir das três dimensões que se amam e se respeitam. Somente pelo ressoar do chifre, tal fusão se dará.

Não por acaso, é o próprio Deus quem faz o seu povo exaltar o chifre (14a), ou seja, o Senhor não renuncia o *shofar* tridimensional, responsável por ressoar que o

⁴⁵ DRIVER, S. R., A Treatise on the Use of the Tenses in Hebrew, p. 59-60.

⁴⁶ SCHÖKEL, L. A., ללל, p. 180-181.

Senhor, de forma integrada, estabeleceu a sua criação por todo o sempre (6a). Criação esta que encontra a sua melhor versão no povo ao qual o Criador entregou o Seu Estatuto (6b), aquela Lei que é irradiada pelo louvor dos piedosos (14b), refletido em suas decisões em não transgredir os preceitos divinos (6c) e, por isso, tais fiéis recebem a honra de serem chamados de filhos de Israel, o povo íntimo ao Senhor (14c). Toda esta conclusão pode ser intuída pelo último paralelismo presente nos dois versículos ressaltados, os quais, de forma conclusiva, finalizam os louvores dos micro-merismos que percorrem Céus e Terra presentes no SI 148:

- a – (6a) Ele causou o estabelecimento deles desde toda a eternidade
- b – (6b) Ele entregou seu estatuto,
- c – (6c) o qual não ele não poderá transgredir
- a’ – (14a) Ele fez exaltar o chifre pertencente ao seu povo/ isto é, o seu povo
- b’ – (14b) o louvor irradiante que pertence aos seus piedosos,
- c’ – (14c) aos filhos de Israel, o povo que é próximo a Ele

(a – a’) Paralelismo Sintático: os verbos principais encontram-se no tempo passado.
(b – b’) Paralelismo Sinônimo: “estatuto” e “louvor irradiante” remetem à Palavra de Deus.
(c – c’) Paralelismo Progressivo: a linha “c” é explicada pela linha “c”’.

Conclusão

O presente estudo, num primeiro momento, entendeu-se o chifre como um sagrado instrumento litúrgico que remonta a simbologia cósmica dos chifre-árvores desenhados em antigos petróglifos. No entanto, foi perfeitamente possível compreender a realidade do chifre de forma metafórica, ou seja, ele aludiria ao povo íntimo ao Senhor, presente no versículo 14abc. Tal conclusão encontra seu fundamento se, porventura, toma-se a decisão em interpretar a locução prepositiva “ao povo” (14a) de maneira enfática,⁴⁷ ou seja, entender-se-ia o segundo bicolon do versículo 14a como uma explicação a respeito do que seria o chifre, este que seria entendido na imagem do povo. Logo seria cabível a seguinte tradução: Ele fez exaltar o chifre, isto é, o seu povo. O povo, refletindo o chifre erguido por Deus, teria como objetivo promover políticas que facilitassem a prática em conscientizar a respeito da integração das realidades ambientais, aquelas que englobam harmonicamente os seres vivos e abióticos. Estes encontrariam o ápice de suas existências na liturgia que adora o Senhor.

⁴⁷ WALTKE, B. K.; O’CONNOR, M. P., Introdução a Sintaxe do Hebraico Bíblico, p. 205-211.

Como visto, o vocábulo o termo “chifre” assume uma literária função conectora que interrelaciona o versículo 14 ao Sl 148 em sua totalidade. Afinal de contas, é do chifre que brota o grande Halel Cósmico, prestado por “Céus e Terra”, tão evidente na prece do salmista. O “chifre exaltado” dialoga perfeitamente com o louvor universal evidenciado na oração que encontra suas raízes vinculadas àquelas culturas religiosas antigas que cultuavam os “chifres-árvores” como entidades divinas. Ao sublinhar o protagonismo litúrgico do “chifre”, o orante pode ter desejado evidenciar – por meio de micro paralelismos em merisma – a mensagem de que a verdadeira adoração ao Senhor é aquela oriunda de um cosmo integrado intrinsecamente, sem nenhum tipo de rivalidade ou desrespeito entre os seus componentes, os quais, por todo o sempre, deverão irradiar a presença do Altíssimo através do louvor liderado pelos piedosos filhos de Israel, o povo que foi exaltado pelo Criador, tal como uma Chanukiá, aquela que foi erguida e acesa no Templo de Jerusalém na festa da Hanukkah.

Nos tempos atuais, urge a necessidade em ver pessoas que possuem a visão de mundo enraizada na mente do compositor do Sl 148 que, ao evidenciar a importância do chifre, revela não crer em ideologias que visam estabelecer rivalidades entre as questões que envolvem o meio ambiente e aquelas que versam sobre o mundo aparentemente próspero dos homens que, por vezes, caracteriza-se como ganancioso e obstinado pelo dinheiro e pela autossuficiência.

Há aqueles que querem erguer seus chifres, com o uso de uma autoridade arrogante e prepotente. Tais pessoas desrespeitam o meio ambiente criado em equilíbrio, causando diversas mazelas interplanetárias. Fala-se hoje, até mesmo, de uma síndrome tripolar que seria uma espécie de transtorno na personalidade do homem moderno que é pleno de raivas, psicoses e alucinações,⁴⁸ oriundas de um estilo fragmentário de existência, visto em pessoas inescrupulosas que enxergam o outro – seja aquele da própria espécie ou aqueles diversos – como um mero meio no qual se deve tirar proveito. Uma vez tendo usado e abusado das realidades criadas, tais pessoas calculistas lançam-nas no lixo, sem grandes preocupações.

O chifre do Sl 148 é um instrumento que pode vencer a mentalidade que rivaliza os seres cósmicos. Sua simbologia sublinha a verdade de que o homem não pode viver de forma isolada e indiferente. Este não é o desejo do Criador (Gn 2,18). Um homem em guerra com a criação não pode louvar o Senhor de forma apazível a Ele. Sendo assim, que tal prece continue sendo entoada a fim de que a humanidade dos tempos atuais encontre a paz consigo e com os seres pertencentes aos Céus e a Terra que continuam desejando ser regidos pelo homem que sabe ser um *shofar* vivo.

Referências Bibliográfica

⁴⁸ ILANKOVIC, N; ILANKOVIC, A., Tripolar Affective Disorders, p. 1.

ALTER, Robert. **L'Arte della Poesia Biblica**. Roma: GBPress, 2011.

AMATO, Marcelo Cardoso. **Os Simbolismos dos animais com chifres em bestiários ingleses**, Lisboa, 2018. Dissertação. 108p. Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Nova de Lisboa.

BAINES, John. A Realeza egípcia antiga: Formas oficiais, retórica, contexto. In: DAY, John. (Org.). **Rei e Messias em Israel e no antigo oriente próximo. Bíblia e História**. São Paulo: Paulinas, 2005, p. 19-56.

BLENKINSOPP, Joseph. **Isaiah 1–39**: a new translation with introduction and commentary. New Haven; London: Yale University Press, 2008. (The Anchor Yale Bible Commentaries, 19).

CHRISTENSEN, Duane L. **Deuteronomy 1-21:9**. In: Word Biblical Commentary, 6A. Dallas: Word, 2001.

CIRLOT, Juan Eduardo. **Montañá**. Dicionario de Simbolos. Barcelona: Labor, 1992, p. 308-310.

DA SILVA, Cassio Murilo Dias. **Metodologia de Exegese Bíblica**. São Paulo, Paulinas, 2014.

DECLAISSE-WALFORD, Nancy L.; JACOBSON, Rolf A.; TANNER, Beth LaNeel. **The Book of Psalms**. Grand Rapids, Cambridge: William B. Eerdmans Publishing Company, 2014.

DRIVER, Samuel R. **A Treatise on the Use of the Tenses in Hebrew**. Oxford: Clarendon, 1982.

EAMES, Cristopher. Are Biblical Hittites in Canaan Anachronitic? **Let the Stones Speak**, v. 2, n. 5, p. 31-32, set./out. 2023. Disponível em: <https://armstronginstitute.org/files/W1siZiIsIjIwMjMvMTEvMTMvNmFeHZvYTkyeV9MU1MyMDIzMDI0fRU4ucGRmI1d/aefc853d8f2948e0/LSS202309_EN.pdf>. Acesso em: 5 maio 2024.

ELLIGER, Karl; RUDOLPH, Wilhem; WEIL, Gérard E. (Ed.). **Biblia Hebraica Stuttgartensia**. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 1997.

GREENBERG, Moshe. **Ezekiel 21 – 37**. New Haven; London: Yale University Press, 2008.

GRENZER, Matthias. Erva, bovino selvagem, tamareira e cedro. Ecoespiritualidade no Salmo 92, **Atualidade Teológica**, v. 24, n. 64, p. 66-86, jan./abr. 2020.

HOSSFELD, Frank-Lothar; ZENGER, Erich. **Psalms 3: A Commentary on Psalms 101-150**. Minneapolis: Fortress Press, 2011.

ILANKOVIC, N; ILANKOVIC, A. Tripolar Affective Disorders - a New Clinical Concept. **European Psychiatry**, v. 29, 2014, p. 1. Disponível em: <<https://www.cambridge.org/core/journals/european-psychiatry/article/epa1680-tripolar-affective-disorders-a-new-clinical-concept/A65826A135AAEB4ECC2E6D30759E6B66>>. Acesso em 4 maio 2024.

KADERLI, Leyla; ALIEVA Chynara. An Evolution of Detection Study of the Petroglyphs in the Region of Cholpon-Ata, Kyrgyzsan, **Cedrus**, v. 10, p. 69-93, jun. 2022.

KEDAR-KOPFSTEIN, B. קָרֵן *qēren*. In: HEINZ-JOSEF, Fabry; RINGGREN, Helmer. (Orgs.). **Grande Lessico dell'Antico Testamento**. Volume VIII. Brescia: Paideia, 2008, p. 11-19.

KOEHLER, Ludwig; BAUMGARTNER, Walter. et al. (Ed.). הָרָב. **The Hebrew and Aramaic lexicon of the Old Testament**. Leiden: Brill, 1994–2000, p. 350.

KOEHLER, Ludwig; BAUMGARTNER, Walter. et al. et al. (Ed.). מְלֶאךָ. **The Hebrew and Aramaic lexicon of the Old Testament**. Leiden: Brill, 1994–2000, p.1705–1706.

KOEHLER, Ludwig; BAUMGARTNER, Walter. et al. (Ed.). תּוֹעֲפּוֹת. **The Hebrew and Aramaic lexicon of the Old Testament**. Leiden: Brill, 1994–2000, p. 1705–1706.

LEITE, Eduardo. A Menorá e a Árvore da Vida. **Hélade**, v. 2, n. 2, p. 59-65, out. 2016.

MACQUEEN, James Galloway. **The Hittites and their Contemporaries in Asia Minor**. London: Thames and Hudson, 1986.

MARTYNOV, Anatoli I. The Solar Cult and Tree of Life, **Arctic Anthropology**, v. 25, n. 2, p. 12-29, 1988. Disponível em: <<https://www.jstor.org/stable/40316165>>. Acesso em: 5 maio 2020.

MCCARTER JR., Peter Kyle. **I Samuel**. New Haven; London: Yale University Press, 2008.

MCKENZIE, John L. **Água**. Dicionário Bíblico. Paulus: São Paulo, 1983, p.18-19.

MILGROM, Jacob. **Leviticus 1–16**. New Haven; London: Yale University Press, 2008.

MILLER, Malcolm. The Shofar and Its Symbolism. **Historic Brass Society Journal**, v. 14, p. 83-113, ago. 2002. Disponível em: <https://www.historicbrass.org/edocman/hbj-2002/HBSJ_2002_JL01_005_Miller.pdf>. Acesso em: 30 abr. 2024.

OTTOSSON, K. קָרָא 'eres. In: HEINZ-JOSEF, Fabry; RINGGREN, Helmer. (Orgs.). **Grande Lessico dell'Antico Testamento**. Brescia: Paideia, 2008, p. 840-876.

POPE, Marvin H. **Job**. New York: Doubleday & Company, 1973.

PRINSLOO, Willem Sterrenberg. Structure and cohesion of Psalm 148. **Old Testament Essays**, v. 5, n. 1, p. 46-63, jan. 1992. Disponível em: <https://journals.co.za/doi/pdf/10.10520/AJA10109919_436>. Acesso em: 30 abr. 2024.

RAVASI, G. **Il Libro dei Salmi III (101-150)**. Bologna: EDB, 1986.

SCHMUTZER, Andrew J.; GAUTHIER, Randall X. The Identity of “Horn” in Psalm:14a: An Exegetical Investigation in the MT and LXX Versions. **Bulletin for Biblical Research**, v. 19, n. 2, p. 161-183, jan. 2009.

SCHÖKEL, Luís Alonso; CARNITI, Cecília. **Salmos I (1-72)**. São Paulo: Paulus, 1996.

ALONSO SCHÖKEL, L. (Ed.). **Dicionário Bíblico Hebraico-Português**. São Paulo: Paulus, 2004.

SHARP, Casey. Alternate Altars. **Biblical Archaeology Review**, v. 41, n. 6, p. 28, nov./dez. 2015. Disponível em: <<https://library.biblicalarchaeology.org/issue/november-december-2015/>>. Acesso em: 30 abr. 2024.

VANNI, Ugo. **Apocalisse di Giovanni II**. Assisi: Cittadella editrice, 2018.

VERVEER, Ticia. O Antigo Grito do Shofar. **Universo Sefarad**, v. 4, n. 10, p. 5-9, set. 2021. Disponível em: <<https://www.amazoniajudaica.com.br/wp-content/uploads/2023/06/USF-10.pdf>>. Acesso em: 5 maio 2024.

WEARNE, Gareth. מִיִּמִּינוֹ אֲשַׁדַּת לְמוֹ וְקָרְנִים מִדּוֹ לוֹ: Reading Habakkuk 3:4 and Deuteronomy 33:2 in Light of One Another. **TC: A Journal of Biblical Textual Criticism**, v. 19, p. 1-10, 2014. Disponível em: <<https://jbtc.org/v19/TC-2014-Wearne.pdf>>. Acesso em 01 maio 2024.

WESTERMANN, Claus. **Genesis 1–11**. Minneapolis: Fortress Press, 1994.

WITTE, Markus. Cosmos and Creation in Job 38 (Septuagint). In: DUGGAN, Michael W. (Org.). **Cosmos and Creation**. Berlin, Boston: De Gruyter, 2020, p. 55-76.



ISSN 2596-2922

DOI: 10.46859/PUCRio.Acad.ReBiblica.2596-2922.2024v5n10a01

Pedro da Silva Morais

Doutor em Teologia Bíblica pela Faculdade de Teologia de Lugano – Suíça.
Docente no Departamento de Teologia da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.
São Paulo / SP – Brasil.
E-mail: dasilvamoraispedro@gmail.com

Renato Gonçalves da Silva

Doutorando no Programa de Pós-graduação da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
Mestre em Ciências Bíblicas pelo Pontifício Instituto Bíblico – Itália
São Paulo / SP – Brasil
E-mail: renatojuridico@yahoo.com.br

Recebido em: 06/05/2024

Aprovado em: 16/09/2024